

PANORAMA HISTÓRICO DA LÍNGUA GREGA

Nilsa Areán-García (USP)

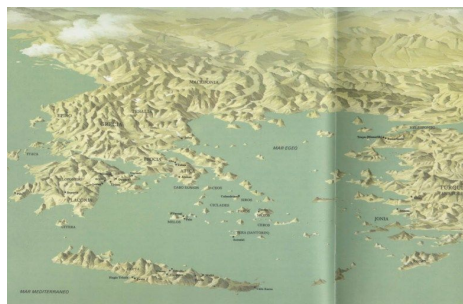
nilsa.arean@gmail.com / nilsa.garcia@usp.br

RESUMO

Sabe-se da grande importância da Grécia durante a Antiguidade, como também que o grego veio a ser uma língua de prestígio e franca neste período, tendo atingido uma vasta área geográfica de atuação. Embora, posteriormente, Roma tenha suplantado o domínio helênico, a cultura grega e sua língua continuaram a exercer grande influência e fascínio sobre os romanos cultos e o latim clássico, que nos chega até os dias de hoje por meio de sua atualidade nas formações lexicais.

Palavras-chave: Língua grega. História da língua grega. Influências do grego.

A língua grega faz parte da família das línguas indo-europeias, ainda que em seu léxico haja muitos empréstimos que notadamente não sejam do indo-europeu. Pode-se seguir o desenvolvimento da língua grega durante um longo período: desde os primeiros traços em sua época micênica até o grego moderno, o que fornece um percurso de mais de três mil anos de uma história política e cultural, nos quais se manteve uma língua falada, que se desenvolveu desde os seus primórdios até os dias de hoje, e ainda continua a seguir sua trajetória de desenvolvimento.



Mapa 1: Primeiras civilizações gregas³³

³³Adaptação do mapa disponível em www.pais-global.com.ar/oh/oh14.htm

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

De acordo com Buck (1952, p. 15-16), os primeiros gregos chegaram à península helênica provenientes do norte, por volta de 2.000 a. C. e lá se estabeleceram, bem como nas ilhas que a rodeiam. Entretanto, dos povos anteriores, conhecidos pelo nome de pelasgos, pouco se sabe, ainda que seus falares devam ter influenciado traços do grego e nele se contemplem como substrato. Sabe-se, entretanto, que antes da invasão da Península Balcânica, os povos que mais tarde foram chamados de gregos, situavam-se ao norte desta onde tiveram contato com várias línguas indo-europeias. Porém, também depois da ocupação do território, limitou-se o contato com povos de línguas similares e de fronteira, ilírios e trácios, que segundo Heródoto (5, 3, 1), citado por Buck (1952, p. 16), era o maior povo da época estendendo-se desde o mar Trácio até as vertentes meridionais dos Cárpatos e dali emigraram até a Ásia Menor dominando também sua costa, conforme o ilustrado no Mapa 1. Acredita-se que mais intensa tenha sido a influência dos povos que pertenciam ao grupo hitito-luvita do indo-europeu na formação da língua grega, pois na Ásia Menor, com os avanços da colonização “grega” houve um contato cada vez maior com os lídios, cários, lícios, cilícios e paflagões, todos pertencentes ao grupo linguístico anatólico ou hitito-luvita, conforme Hofmann, Debrunner & Scherer (1986, p. 32-35).

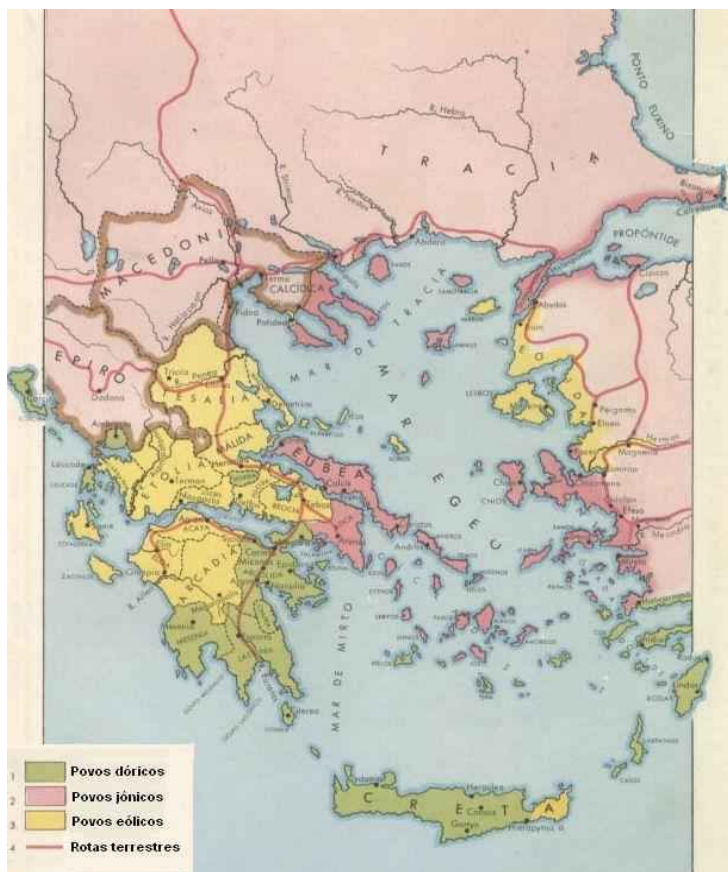
Escritas em grego estão as tábuas micênicas dos séculos XV a XII a. C., feitas em argila, que documentam os arquivos de palácios minoico-micênicos como o Cnossos e que detêm grande interesse de linguistas e historiadores. Segundo Meillet (1930, p. 16-51), no século VIII a. C., introduziu-se e adotou-se o alfabeto de origem fenícia, porém ligeiramente modificado. Na mesma época, a literatura grega começou com os poemas atribuídos a Homero, que foi um grande marco, não somente grego, como da literatura ocidental com a *Ilíada* e a *Odisseia*. Desde então, as formas de expressão na cultura helênica foram sendo definidas: a épica, a lírica, a prosa historiográfica, a oratória, a filosofia e os tratados científicos, o teatro, especialmente as formas clássicas: tragédia e comédia. Entretanto, a língua grega usada nos testemunhos escritos é bastante complexa, pois houve uma grande variedade dialetal depois que os gregos se estabeleceram na península balcânica e confirmaram a separação de sua língua das demais indo-europeias. Conforme Pisani (1954, p. 4-8), podem ser distinguidos quatro grandes grupos dialetais do grego: jônico-ático,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

eólio, arcádio-chipriota e dórico que engloba também o grego do noroeste. Os três primeiros são geralmente agrupados na categoria chamada grego aqueu. O jônico era falado na Ásia Menor, nas ilhas Cícladas e na ilha Eubeia; o ático na Ática; o eólio na Tessália, Beócia, na ilha de Lesbos e no litoral da Ásia Menor; o arcádio na Arcádia e em algumas regiões do Peloponeso; o chipriota na ilha de Chipre; o dórico na maior parte do Peloponeso, nas ilhas colonizadas pelos dórios: Creta, Rodes, Cós, Terá e outras, bem como em muitas regiões do Sul da Itália, ou Magna Grécia, e na Sicília; o grego do noroeste era falado na região mais próxima ao mar Adriático, no Epiro e zonas próximas. Para Meillet (1930, p. 73-109), o que é chamado de grego clássico é, em geral, o grego ático dos séculos V e IV a. C., ou seja, o que se usava em Atenas da época de Péricles, de Platão e dos oradores e dramaturgos. A variante ática teve um domínio sobre as demais devido ao papel exercido por Atenas como a cidade da democracia, do teatro e da filosofia, durante a sua hegemonia política. Mesmo depois de perder a importância política, Atenas continuou a exercer grande influência cultural. Entretanto, a epica homérica e a primeira prosa grega foram escritas em jônico.

Houve, então, uma divisão geográfica dialetal devida à distribuição dos povos gregos que colonizaram as diversas zonas helênicas, mostrada no Mapa 2. Houve também a utilização das variantes de acordo com as convenções literárias, que impuseram aos vários gêneros uma ou outra forma. Por exemplo, Hesíodo era da Beócia, mas compôs os seus poemas em jônico. Píndaro, também da Beócia, compôs suas odes em dórico. Apesar das diferenças dialetais, a língua permitia a relação entre todos os gregos, mas, os dialetos acabaram desaparecendo com a extensão de seu uso no âmbito comercial e como veículo cultural e de expansão do Império.

Essa língua comum grega, ou *koiné*, que havia sido formada sobre o ático, mas com características do jônico e dórico, se consolidou como uma língua franca da época e do então Império Helênico, de acordo com Pisani (1954, p. 46-70).



Mapa 2: Divisão política da Grécia Antiga³⁴

Sabe-se que na Antiguidade houve um período de auge heleenístico com a expansão da cultura helênica e da *koiné* grega como língua franca, em todo o imenso domínio nas costas mediterrâneas, conforme o Mapa 3: no norte da África, no Egito (como língua oficial) e no Oriente Médio até as fronteiras da Índia, por meio das guerras de conquistas e colonizações, promovidas em sua maior parte por

³⁴ Adaptação do mapa disponível em www.pais-global.com.br/mapas/mapa09.htm

Alexandre, o Grande, no final do século IV a.C. e administradas, logo depois, por seus sucessores. A criação da biblioteca de Alexandria é apenas um exemplo da grande influência exercida pela cultura dos conquistadores. Ainda que o Império Alexandrino tenha sido fragmentado, a influência do grego como cultura e língua manteve-se por muito tempo nessas regiões e pode ser considerada a maior das conquistas de Alexandre, o Grande.

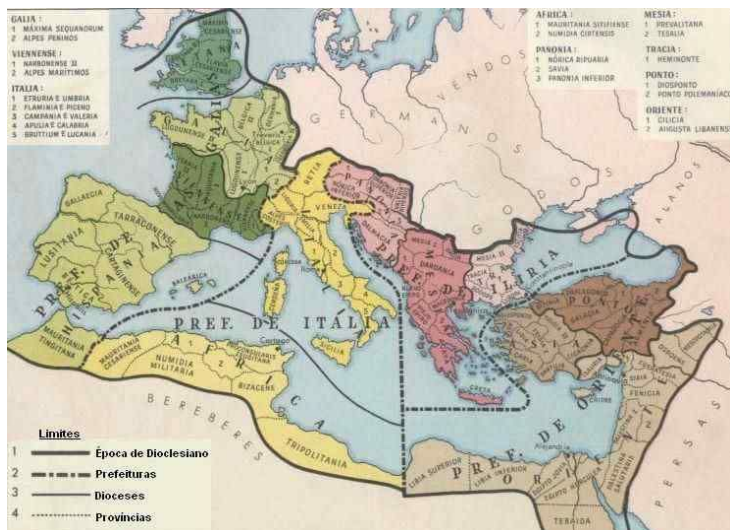


Mapa 3: O Império Alexandrino e suas principais rotas de expansão³⁵

É interessante notar, que durante a colonização romana no Oriente Médio, o grego permaneceu ainda como língua franca, identificando seu poder de assimilação pelos povos que ali habitavam, já que, segundo Bassetto (2001, p. 89): “no Oriente a latinização foi bastante superficial”. Assim se explica que os livros sagrados judaicos tenham sido escritos em aramaico e hebraico, enquanto o Novo Testamento (evangelhos, cartas dos apóstolos e apocalipse), pregado pelos cristãos, tenha sido escrito na *koiné* grega, e não em latim. Dessa forma, a expansão do cristianismo, juntamente com a expan-

³⁵ Adaptação do mapa disponível em www.pais-global.com.ar/mapas/mapa11.htm

são do Império Romano, como pode ser visto no Mapa 4, principalmente após Constantino, levou a uma forte retomada de termos do grego com o uso da bíblia mesmo depois de sua tradução para o latim. Os termos gregos foram mantidos pela Igreja Católica até hoje por intermédio do latim eclesiástico.



Mapa 4: O Império Romano³⁶

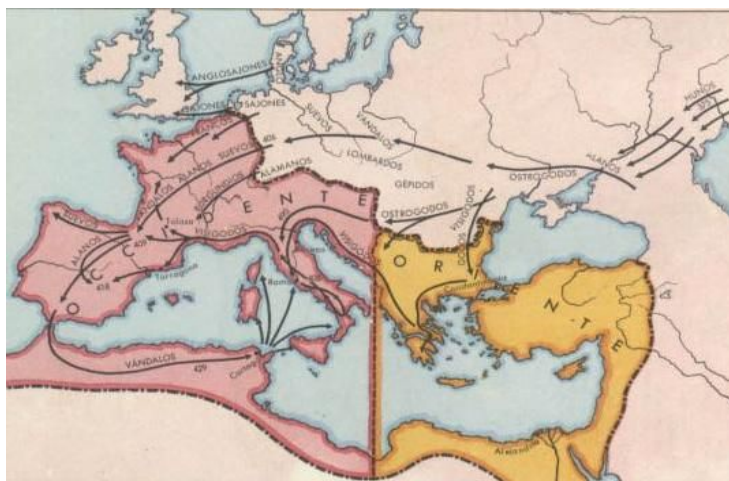
A *koiné* grega também era a língua que os filósofos, mercadores e governantes do Oriente utilizavam durante o Império Romano. Mesmo os romanos escreviam em *koiné* na zona oriental do Império. Em Roma, estudava-se o grego nas famílias patricias, pois era a língua da filosofia e ciência. É curioso notar que o Imperador Romano Marco Aurélio escreveu os seus *Soliloquios* em grego, pois era língua de grande prestígio, mesmo no Império Romano do Ocidente.

Entretanto, não só a religião e a fraca latinização do Oriente foram os responsáveis pela importância da cultura grega. Os mais diversos fatores, como por exemplo, que muitos dos escravos feitos pelos romanos eram helênicos cultos, ajudaram nesta disseminação

³⁶ Adaptação do mapa disponível em www.pais-global.com.br/mapas/mapa15.htm

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de termos gregos no latim. A cultura grega aparece em todos os campos da civilização de Roma: na poesia, mitologia, oratória, escultura e arquitetura. Na filosofia romana também houve grande influência das ideias filosóficas gregas, com discípulos das suas escolas de filosofia: cínicos, epicuristas, estoicos, pitagóricos, platônicos. Os romanos mais destacados sempre viajavam à Grécia para se educar, ou tinham professores gregos, como também, estudavam as artes helênicas continuando-as em versões latinas. A própria língua latina possui uma estrutura gramatical e sintática, em casos, muito similar à grega. Então, de certa forma, os romanos souberam absorver e adaptar grande parte da cultura helênica na formação de seu Império, por isso o termo greco-latino, relativo à cultura. Apesar de não se usar o mesmo termo em relação à língua, houve também um determinado grau de absorção e adaptação do grego no latim.

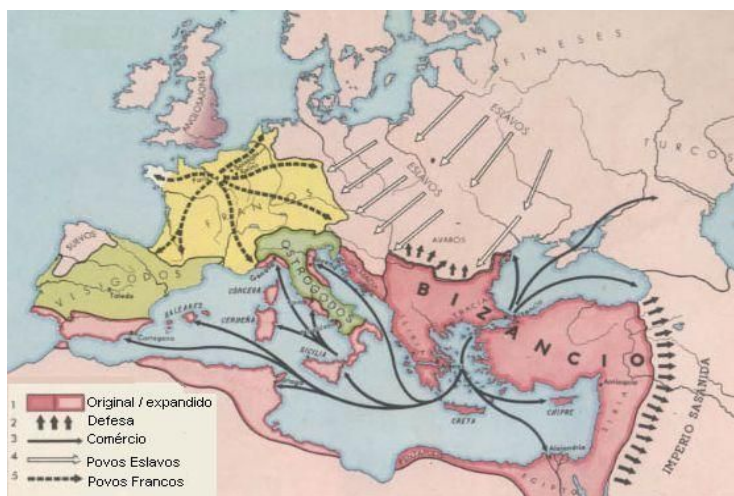


Mapa 5: A divisão do Império Romano³⁷

Desde que Constantino mudou a capital do Império Romano para Constantinopla, em 330, até a conquista desta pelos turcos otomanos em 1453, o centro do poder político e cultural helênico passou a ser esta capital. Depois de Teodósio, quando deixou de ser o centro

³⁷ Adaptação do mapa disponível em www.pais-global.com.ar/mapas/mapa16y17.htm

de todo o Império Romano com a divisão (conforme o Mapa 5 a título de ilustração), para ser o centro do Império Oriental, a cidade de Constantino, Constantinopla, Bizâncio ou Istambul, continuou a exercer grande influência helênica na região. Ainda depois da queda de Roma e do Império Romano do Ocidente em 476, como se pode constatar no Mapa 6, o Império do Oriente ainda perdurou por quase mil anos mais, mesmo que suas fronteiras tenham sido reduzidas, suas relações com o mundo ocidental tenham sido dificultadas e a Igreja Católica, uma das fontes de irradiação do grego, tenha sido dividida em Romana e Ortodoxa.



Mapa 6: A queda do Império Romano do Ocidente³⁸

Também o Império Árabe foi transmissor de parte do legado helênico, por meio de suas versões nos livros de medicina, astronomia, geometria, álgebra, ciências, e mesmo em meio à sua expansão com a “Guerra Santa”, ainda que com menores proporções foi mantido o Império Bizantino, conforme se pode observar no Mapa 7. Não obstante, o grego foi praticamente esquecido no Ocidente durante a Idade Média e somente lembrado no período do Renascimento, após a tomada de Constantinopla pelos turcos-otomanos.

³⁸ Adaptação do mapa disponível em www.pais-global.com.ar/mapas/mapa19.htm



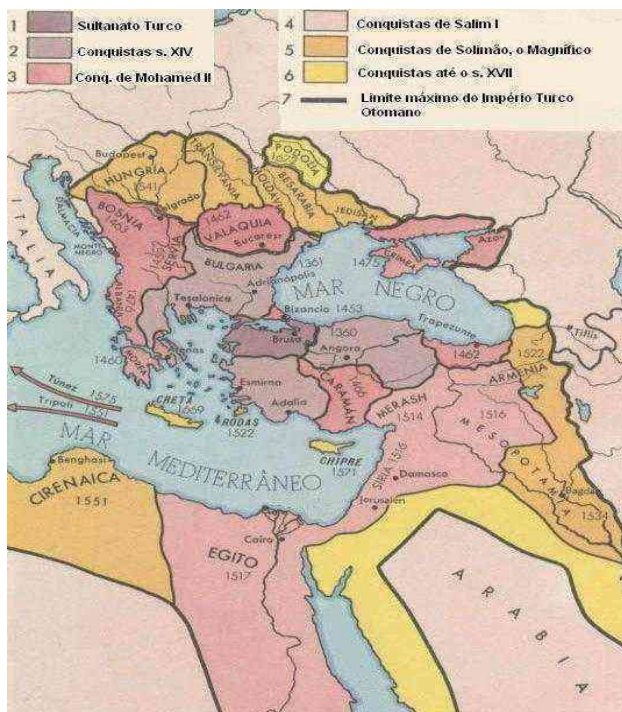
Mapa 7: A expansão do Império Árabe³⁹

Constantinopla, em 1204, foi alvo das Cruzadas, organizadas inicialmente para combater a “Guerra Santa” dos islâmicos, mas ainda continuou como centro de uma civilização que conservava a tradição e, principalmente, os textos gregos da Antiguidade Clássica. Após a queda de Constantinopla, tomada pelos turcos, estes textos chegaram ao Ocidente e produziram como fruto o Renascimento. Na Europa dos séculos XIV e XV d. C., devido às traduções e estudos dos textos gregos da Antiguidade Clássica, sobretudo na Península Itálica, nasceu o movimento Humanista Renascentista, a partir dos manuscritos levados consigo pelos sábios que fugiram de Bizâncio com a ocupação turco-otomana. Entretanto, convém ressaltar que durante muitos séculos o Ocidente ignorou o grego, enquanto no Oriente se manteve como língua culta e franca do mundo bizantino.

Depois que os turcos tomaram o poder político e instauraram sua língua em seu domínio, conforme o Mapa 8, os gregos continuaram falando sua língua dialetalmente nas regiões mais pobres da antiga Hélade, sofrendo forte preconceito linguístico. Somente no século XIX, o grego voltou a ser a língua oficial de uma nova nação, a

³⁹ Adaptação do mapa disponível em www.pais-global.com.ar/mapas/mapa20.htm

nova Grécia. O grego moderno, em certa medida, é considerado a continuação da *koiné* que perdurou e se modificou durante o período do Império Alexandrino e do Império do Oriente, como também durante o período em que quase desapareceu pelas perseguições dos turcos-otomanos e outros povos.



Mapa 8: A expansão do Império Turco⁴⁰

Pode-se dizer que, dessa maneira, em última análise, o Humanismo recuperou no Ocidente a cultura helênica que culminou na corrida pelo saber, nas Universidades e na base para a tecnologia dos últimos séculos. Neste afã de estudar o panorama do grego, começaram os estudos de filologia clássica, com ensino da língua grega em

⁴⁰ Adaptação do mapa disponível em www.pais-global.com.br/mapas/mapa42.htm

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

centros de excelência, analisando os termos gregos, introduzidos através do latim. Assim, o grego chegou aos dias de hoje sendo utilizado, muitas das vezes, como a língua da terminologia especializada e científica atual, declarando o quanto, segundo López-Eire (2003), é imprescindível conhecê-la para real e profundamente entender, pelo menos em parte, os aspectos culturais e linguísticos das atuais línguas românicas.

Não obstante a importância da influência da língua grega na formação da latina, e esta na formação das línguas românicas veiculando-a, segundo Piel (1989, p. 14), a influência da língua grega, veiculada pelo latim, foi muito mais intensa no período Humanista e, desde então, continua até os dias de hoje com vasta importância na formação lexical “sendo porventura a língua portuguesa entre as românicas a que maior rendimento tirou e continua a tirar deste inesgotável manancial que são as línguas clássicas.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETTO, Bruno F. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2001.

BUCK, Carl Darling. *Comparative grammar of greek and latin*. Chicago: The University Chicago Press, 1952.

HOFMANN, O.; DEBRUNNER, A.; SCHERER, A. *Historia de la lengua griega*. (título original: Geschichte der griechischen Sprache; traductor al castellano: Sánchez Pacheco). Madri: Gredos, 1986.

LÓPEZ-EIRE, Antonio. Una ejemplar historia de la lengua: la historia de la lengua griega. In: *La langue grecque et son histoire*. Atenas: Centre de la Langue Grecque, 2003, p. 101-106.

MEILLET, A. *Aperçu d'une histoire de la langue grecque*. Paris: Hachette, 1930.

PIEL, J. M. *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

PISANI, Vittore. *Breve historia de la lengua griega*. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias – Universidad de la República, 1954.